

**TOM WRIGHT &**

**BRADLEY HOPE**

# **O BLEFE DE UM BILHÃO DE DÓLARES**

**O HOMEM QUE ENGANOU  
WALL STREET,  
HOLLYWOOD e o MUNDO**

  
**ALTA BOOKS**  
E D I T O R A  
Rio de Janeiro, 2020

## **O Blefe de Um Bilhão de Dólares - O Homem que Enganou Wall Street, Hollywood e o Mundo**

Copyright © 2020 da Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli. ISBN: 978-85-508-1101-7

Translated from original Billion Dollar Whale. Copyright © 2018 by Tom Wright and Bradley Hope. All rights reserved. ISBN 9780316436502. This translation is published and sold by permission of Hachette Book Group the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2019 by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

A editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Publique seu livro com a Alta Books. Para mais informações envie um e-mail para [autoria@altabooks.com.br](mailto:autoria@altabooks.com.br)**

**Obra disponível para venda corporativa e/ou personalizada. Para mais informações, fale com [projetos@altabooks.com.br](mailto:projetos@altabooks.com.br)**

**Erratas e arquivos de apoio:** No site da editora relatamos, com a devida correção, qualquer erro encontrado em nossos livros, bem como disponibilizamos arquivos de apoio se aplicáveis à obra em questão.

Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso às erratas, aos arquivos de apoio e/ou a outros conteúdos aplicáveis à obra.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites referidos pelos autores nesta obra.

### **Produção Editorial**

Editora Alta Books

### **Gerência Editorial**

Anderson Vieira

### **Produtor Editorial**

Juliana de Oliveira

### **Marketing Editorial**

[marketing@altabooks.com.br](mailto:marketing@altabooks.com.br)

### **Editor de Aquisição**

José Rugeri

[j.rugeri@altabooks.com.br](mailto:j.rugeri@altabooks.com.br)

### **Vendas Atacado e Varejo**

Daniele Fonseca

Viviane Paiva

[comercial@altabooks.com.br](mailto:comercial@altabooks.com.br)

### **Ouvidoria**

[ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

### **Equipe Editorial**

Adriano Barros

Bianca Teodoro

Carolinne Oliveira

Ian Verçosa  
Illysabelle Trajano  
Keyciane Botelho  
Larissa Lima  
Laryssa Gomes  
Leandro Lacerda  
Livia Carvalho  
Maria de Lourdes Borges  
Paulo Gomes  
Raquel Porto  
Thales Silva  
Thauan Gomes  
Thiê Alves

**Tradução**

Ana Gabriela Dutra

**Copidesque**

Carolina Gaio

**Revisão Gramatical**

Thaís Pol

Wendy Campos

**Revisão Técnica**

Flavio Barbosa (Doutor em Ciência Política pela UFJF com CAPES/PDSE na Prague University of Economics)

**Capa**

Paulo Gomes

**Adaptação para formato e-Book**

Joyce Matos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

|   |                 |
|---|-----------------|
| W947b   | Wright, Tom     |
| O Elefante de Um Bilhão de Dólares [recurso eletrônico]: o Homem que Enganou Wall Street, Hollywood e o Mundo, Tom Wright, Bradley Hope; traduzido por Ana Gabriela Dutra - Rio de Janeiro: Alta Books, 2020. |                 |
| ISBN: 978-85-508-1101-7 [E-book]  |                 |
| I. Economia. 2. Sistema financeiro. I. Hope, Bradley. II. Dutra, Ana Gabriela. III. Título  |                 |
| 2019-1911   | CDD330<br>CDU33 |

Elabora do por Vagner Rodolfo da Silva - CRB -8/9410

Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419  
[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) — [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)  
[www.facebook.com/altabooks](https://www.facebook.com/altabooks) — [www.instagram.com/altabooks](https://www.instagram.com/altabooks)

Para Mamãe, Nina, Julia e Laurence — TW

Para Farah, Joumana e Sufiyan — BH

# Agradecimentos

A escrita de um livro é um esforço coletivo, e somos afortunados por trabalhar com uma equipe de jornalistas talentosos. No Wall Street Journal, Patrick Barta, Paul Beckett e Ken Brown foram fundamentais para o êxito deste projeto.

O que despertou nosso interesse por esta história foi a obsessão que Ken desenvolveu por ela antes de qualquer outra pessoa; seu sábio consultor, Paul, por meio de sua posição como editor de finanças da Asia, manteve o projeto no rumo certo. Paul também possibilitou que elaborássemos reportagens detalhadas, uma vantagem imensurável. Sua apreciação jornalística sem igual e seu entusiasmo pela história nos incentivaram. Patrick editou habilmente muitos de nossos artigos, garantindo que a pertinência não se perdesse no emaranhado de detalhes, ao mesmo tempo em que se certificava da coerência dos fatos. Todos os três foram os primeiros leitores de nossos rascunhos, e nos deram um feedback inestimável (e honesto!) sobre a estruturação e o desenvolvimento dos personagens, inclusive indicando os momentos em que havíamos caído no clichê. Sem eles, não teríamos concluído este livro.

Agradecemos a Gerard Baker, ex-editor-chefe do Wall Street Journal, e a nossos outros chefes — Thorold Barker, Dennis Berman, Rebecca Blumenstein, Andrew Dowell e Charles Forelle — por nos proporcionarem o espaço e o tempo para realizar este projeto. Em uma época de notícias ininterruptas, o compromisso do Journal com reportagens detalhadas é seu diferencial.

A equipe talentosa de advogados e editores de normas do Wall Street Journal garantiu que alcançássemos os altos níveis de idoneidade pelos quais o jornal é conhecido. Eles ajudaram a determinar nossa abordagem para um assunto extremamente

complicado e controverso. São eles: Jason Conti, Jacob Goldstein, Craig Linder, Neal Lipschutz, Karen Pensiero e Rob Rossi. A equipe de edição, digna de destaque, liderada por Alex Martin, e posteriormente por Matthew Rose, composta por Mike Allen, Dan Kelly e Mitchell Pacelle, refinou habilmente nossos artigos.

Muitos de nossos colegas repórteres desempenharam um papel significativo na cobertura desta história: Justin Baer e Mia Lamar conduziram a reportagem sobre o Goldman Sachs; Jake Maxwell Watts foi diligente ao acompanhar os desdobramentos em Singapura; Kelly Crow detalhou as aquisições de Low no mercado da arte; enquanto Simon Clark desempenhou um importante papel preliminar na cobertura. Em Los Angeles, John Emshwiller e Ben Fritz acompanharam as perspectivas hollywoodianas, John Letzing cobriu as investigações na Suíça, e Nicolas Parasie monitorou os acontecimentos em Abu Dhabi. Rachel Louise Ensign e Serena Ng examinaram o enigmático mundo da legislação de fundos de investimento.

A reportagem corajosa e tenaz de Celine Fernandez na Malásia resultou nos primeiros avanços do papel do 1MDB como um fundo ilegal. James Hookway e Yantoultra Ngui, do escritório do Journal no Sudeste Asiático, chefiado por Patrick McDowell, cobriram a reação política na Malásia.

Paolo Bosonin e Tom Di Fonzo, do departamento de vídeo do Journal, produziram animações criativas e um documentário sobre o escândalo do 1MDB, o que reforçou consideravelmente nosso trabalho. O departamento de arte do Journal, liderado por Jessica Yu e MinJung Kim, criou meios inovadores de dar vida ao escândalo através da arte gráfica.

Clare Rewcastle-Brown, cujo site Sarawak Report divulgou as primeiras notícias sobre Jho Low, compartilhou generosamente informações e nos ajudou a entender as fases iniciais da fraude. Seu site, repleto de documentos e capturas de tela que conseguiu fazer nas redes sociais antes que fossem retiradas do ar, foi uma importante fonte para nós.

Alex Helan, que estava produzindo um documentário sobre Jho Low, também compartilhou fontes e leu nosso manuscrito com atenção, oferecendo sugestões perspicazes para melhorá-lo.

Agradecemos imensamente ao nosso editor, Paul Whitlatch, da Hachette Books. Seu olhar clínico tornou a linguagem, até então confusa, mais esclarecedora. A narrativa ainda é complexa, mas sua percepção nos auxiliou a deixá-la mais inteligível, e sua experiência prática lhe conferiu ainda mais vivacidade. Agradecemos também aos nossos agentes, Steve Troha e Dado Derviskadic, da Folio Literary Management, por enxergarem o potencial deste projeto quando a proposta ainda era embrionária.

Keith Richburg, diretor do Centro de Jornalismo e Estudos de Mídia da Universidade de Hong Kong, ofereceu café e um espaço maravilhoso para trabalharmos neste livro, além de ler com atenção trechos do rascunho. Tiernan Downes, que o leu pelo menos duas vezes, e Nadia Chiarina forneceram um lar suntuoso em Jacarta para que escrevêssemos. Sue Wright e Mark Hope deram um feedback inestimável sobre forma e conteúdo.

Várias outras pessoas leram o manuscrito e deram orientações importantes: Sylvain Besson, Luca Fasani, Alex Frangos, Liz Hoffman, Mark Hollingsworth, Deborah Kan, John Lyons, Dejan Nikolic, Andrew Peaple, Raphael Pura, Brad Reagan, Justin Scheck e Ben Wootliff. Há muitos outros a quem gostaríamos de agradecer, mas mantivemos seu anonimato, por segurança ou porque assim preferiram. Agradecemos a confiança.

Por fim, nossas famílias — a esposa de Tom, Nina, e a de Bradley, Farah — compartilharam feedback em tempo real sobre os capítulos do rascunho e suportaram nossa obsessão por vários anos. Sem seu apoio, o livro não teria sido escrito.

# Sumário

Agradecimentos  
Sumário  
Nota dos Autores  
Lista de Personagens  
Prólogo

## PARTE I

### A INVENÇÃO DE JHO LOW

Capítulo 1  
Fotos Falsas  
Capítulo 2  
O Grande Gatsby Asiático  
Capítulo 3  
Ganhe Muito Dinheiro  
Capítulo 4  
Precisaremos de uma Van Maior  
Capítulo 5  
Um Belo Brinquedo  
Capítulo 6  
Dr. Leissner, Creio Eu  
Capítulo 7  
“Realeza” Saudita (Primeiro Golpe)  
Capítulo 8  
A Mina de Ouro  
Capítulo 9  
“Estou em Êxtase”

## PARTE II



## BILIONÁRIO DA NOITE PARA O DIA

Capítulo 10

Uma Noite com as Coelhinhas

Capítulo 11

Chuva de Champanhe Cristal

Capítulo 12

Como Gastar Um Bilhão

Capítulo 13

Onde Está o Nosso Dinheiro?

Capítulo 14

Iniciem as Máquinas

Capítulo 15

Bem-vinda a Nova York

Capítulo 16

Belas Porcarias

Capítulo 17

Meu Grande Amigo Leo

Capítulo 18

Ostentação Alcoólica de Dois Milhões de Euros

Capítulo 19

“Mantenha Sua Insensatez em Segredo”

Capítulo 20

Belfort Detecta um Golpe

Capítulo 21

Rescisão Rancorosa

Capítulo 22

Cobertura com Vista Panorâmica

Capítulo 23

A Suíça do Sudeste Asiático

Capítulo 24

Brazen Sky

Capítulo 25

O Goldman e o Sheik (Segundo Golpe)

Capítulo 26

Fraudando o Estado

### **PARTE III**

#### **IMPÉRIO**

Capítulo 27

Busta, Minha Put\*

Capítulo 28

Toda a Riqueza do Mundo

Capítulo 29

Mística Oriental

Capítulo 30

“681 Tortas Americanas” (Terceiro Golpe)

Capítulo 31

Arte que Ninguém Pode Apreciar

Capítulo 32

Joalheiros e Banqueiros

Capítulo 33

Negócio Legítimo

Capítulo 34

140 Gigabytes

Capítulo 35

Leo Denuncia Wall Street

Capítulo 36

O Salão Oval

Capítulo 37

Tamanho Importa

Capítulo 38

Perdendo o Controle

### **PARTE IV**

#### **FOGUEIRA DE SEGREDOS**

Capítulo 39  
“Sem Dinheiro, Sem Acordo”

Capítulo 40  
Jho, o Generoso

Capítulo 41  
Malas de Dinheiro

Capítulo 42  
A Revelação

Capítulo 43  
Calcinha Fio-dental

Capítulo 44  
Najib, o Ditador

## **PARTE V**

### **A DETERMINAÇÃO DO COMANDANTE**

Capítulo 45  
Promotor em um Tambor de Óleo

Capítulo 46  
Agente Especial Bill McMurry

Capítulo 47  
Festeiro à Solta

Capítulo 48  
Vínculos Chineses

Capítulo 49  
Copo Meio Cheio

Capítulo 50  
Crime de Colarinho Branco

Capítulo 51  
O Declínio do Reinado de Khadem

Epílogo

# Nota dos Autores

Em 2015, começamos a relatar um fundo soberano da Malásia depois que rumores sobre suas enormes dívidas e negociações obscuras começaram a circular. Era uma história fascinante. O Goldman Sachs havia obtido lucros imensuráveis ajudando o fundo a arrecadar dinheiro, e o escândalo subsequente sobre o destino dessa quantia ameaçava derrubar o primeiro-ministro da Malásia. Mas esse não foi um caso típico de corrupção em mais um país em desenvolvimento. Os meios de comunicação — e as fontes com as quais começamos a conversar — sugeriam que Jho Low, um associado de 27 anos do primeiro-ministro que quase ninguém conhecia, havia pegado o dinheiro, possivelmente centenas de milhões, ou até bilhões, de dólares, e usado para abrir uma produtora em Hollywood, encomendar um dos iates mais imponentes do mundo e dar festas extremamente indecorosas ao redor do mundo. Se fosse verdade, o caso de Low representaria um dos maiores roubos financeiros da história.

Quem era Jho Low? E como ele saiu do anonimato para se tornar o suposto idealizador de um golpe de bilhões de dólares — aparentemente aplicado bem debaixo do nariz do mundo financeiro? Empenhamo-nos para descobrir a verdadeira identidade de Low, e o que descobrimos foi surpreendente. Por trás da simples aparência e de seus bons modos, havia um mentiroso compulsivo que descobrira como o mundo realmente funciona. Ele era amigo de todos, mas poucos o conheciam além de sua reputação de um dos maiores esbanjadores que a alta sociedade já havia visto. Não se tratava apenas de uma história impactante que envolvia banqueiros de Wall Street, celebridades e um vigarista bom de lábia. O próprio êxito de Low, em essência, estava enraizado nas falhas da economia mundial do século XXI. Sua

capacidade de pegar tal quantia, enganando os bancos, os auditores e as autoridades reguladoras de Wall Street; seu sucesso em usar um patrimônio incalculável para conseguir fazer amizade com os atores e modelos mais famosos do mundo; e a facilidade com que fez todos acreditarem que ele pertencia a esse universo: em todas essas situações, Low foi o produto de uma sociedade preocupada com riqueza e glamour.

Percebemos que a incrível vida de Jho Low era impressionante demais para se adequar metodicamente às páginas do Wall Street Journal. Ao escrever um livro, esperamos mostrar em detalhes como ele aplicou o golpe, e também o que o motivou e como conseguiu ficar impune por tanto tempo. Concordamos que o panorama geral, sobre capitalismo e desigualdade, adquiriria um valor duradouro ao ser apresentado tendo como pano de fundo a vida de Low.

O material nestas páginas resultou de três anos de pesquisa. Entrevistamos mais de 100 pessoas em mais de 12 países, desde a pequena cidade de Willemstad, na ilha de Curaçao, até Xangai, na China. A maioria das pessoas mencionadas no livro concordou em falar conosco diretamente ou por meio de representação legal, ainda que um pequeno número tenha se recusado. Muitas das nossas fontes insistiram em permanecer no anonimato por medo de danos físicos ou morais. Cada uma das histórias tem como base as lembranças de várias fontes e, em alguns casos, é corroborada por fotografias, vídeos e outros tipos de documentação. Revisamos dezenas de milhares de documentos, incluindo arquivos públicos de tribunais e documentos confidenciais de investigação e registros financeiros, bem como centenas de milhares de e-mails fornecidos às autoridades, no decorrer da investigação do caso. Também nos baseamos em alegações oficiais presentes nos casos de confisco civil de bens do Departamento de Justiça, assim como nos processos judiciais em Singapura e nos relatórios oficiais das autoridades suíças.

Até o momento da escrita deste livro, em julho de 2018, nenhuma ação penal pública havia sido ajuizada contra Jho Low ou a maioria dos personagens principais do livro, com exceção do ex-primeiro-ministro da Malásia, Najib Razak. Apenas alguns dos banqueiros de Singapura cumpriram pena de prisão. O Departamento de Justiça se encontrava no meio de uma grande investigação criminal sobre Jho Low e outros envolvidos no caso. Autoridades da Malásia, Suíça e Singapura continuam as investigações.

Todos os principais personagens deste livro negaram ter cometido crimes e continuaram a afirmar que as transações eram legais, mas se recusaram a fornecer explicações detalhadas sobre suas negociações. Jho Low, em particular, enfatiza que nunca foi acusado de qualquer atividade criminosa em qualquer jurisdição e que não houve constatação de fato por parte de qualquer tribunal a respeito de infração penal alguma. Outras personalidades que os leitores conhecerão, incluindo Patrick Mahony e Tarek Obaid, de uma empresa petrolífera suíça chamada PetroSaudi International, e o primeiro-ministro da Malásia, Najib Razak, asseguraram, por meio de seus advogados, que não fizeram nada de errado. Responsabilizamo-nos por eventuais erros.

# Lista de Personagens

## *A Família Low*

Low Taek Jho, “Jho Low”

Low Taek Szen, “Szen Low”, seu irmão mais velho

Low May-Lin, sua irmã mais velha

Goh Gaik Ewe, sua mãe

Low Hock Peng, “Larry Low”, seu pai

Jesselynn Chuan Teik Ying, sua namorada

## *Os Associados de Low*

Jasmine Loo Ai Swan, advogada do 1Malaysia Development, ou 1MDB, um fundo de investimento estatal da Malásia

Casey Tang Keng Chee, diretor-executivo do 1MDB

Seet Li Lin, um amigo da Wharton School da Universidade da Pensilvânia e vice-presidente da Jynwel Capital, a empresa de Low em Hong Kong

Eric Tan, “Fat Eric”, festeiro e associado de Low

Nik Faisal Ariff Kamil, diretor de investimentos do 1MDB

Hamad Al Wazzan, amigo kuwaitiano

## *Malásia*

Najib Razak, primeiro-ministro da Malásia

Rosmah Mansor, esposa de Najib

Riza Aziz, filho de um casamento anterior de Rosmah; cofundador da Red Granite Pictures

Mahathir Mohamad, ex-primeiro-ministro e inimigo de Najib

Anwar Ibrahim, líder da oposição

## *Goldman Sachs*

Timothy Leissner, presidente da unidade do Sudeste Asiático

Andrea Vella, chefe de financiamentos estruturados e corporativos do Goldman na Ásia; posteriormente, codiretor de banco de investimentos na Ásia

Lloyd Blankfein, chefe-executivo

Gary Cohn, presidente

*PetroSaudi International*

Príncipe Turki Bin Abdullah Al Saud, cofundador

Tarek Obaid, cofundador e diretor-executivo

Nawaf Obaid, irmão de Tarek

Patrick Mahony, diretor de investimentos

Xavier Justo, chefe do escritório de Londres

*Abu Dhabi*

Khadem Al Qubaisi, diretor administrativo da International Petroleum Investment Company (IPIC)

Yousef Al Otaiba, embaixador dos Emirados Árabes nos Estados Unidos

Mohamed Badawy Al Husseiny, chefe-executivo do Aabar Investments

Sheikh Mohammed Bin Zayed Al Nahyan, príncipe herdeiro de Abu Dhabi

Sheikh Mansour Bin Zayed Al Nahyan, irmão de Sheikh Mohammed e presidente da IPIC

Khaldoon Khalifa Al Mubarak, chefe-executivo do Mubadala Development

*BSI*

Hanspeter Brunner, chefe-executivo da unidade da Ásia

Yak Yew Chee, gerente de relacionamento bancário para Jho Low e 1MDB

Yeo Jiawei, gestor de patrimônio bancário, que deixa o cargo para trabalhar para Jho Low

Kevin Swampillai, chefe de gestão de patrimônio

*AmBank*

Cheah Tek Kuang, chefe-executivo



Joanna Yu, banqueiro responsável pelas contas do primeiro-ministro  
Najib Razak

*Falcon Bank*

Eduardo Leemann, chefe-executivo

*Hollywood/entretenimento*

Joey McFarland, amigo de Low; cofundador da Red Granite Pictures

Paris Hilton, socialite

Leonardo DiCaprio, ator

Jamie Foxx, ator e músico

Kasseem Dean, “Swizz Beatz”, produtor musical casado com Alicia Keys

Busta Rhymes, músico

Noah Tepperberg e Jason Strauss, do Strategic Hospitality Group, império  
de casas noturnas

Miranda Kerr, modelo

Prakazrel Samuel Michél, “Pras”, músico

Kate Upton, modelo

Martin Scorsese, diretor de cinema

Elva Hsiao, música de Taiwan e, em algum momento, namorada de Low

Nicole Scherzinger, música

*Jornalistas*

Clare Rewcastle-Brown, fundador do Sarawak Report

Tong Kooi Ong, proprietário do Edge

Ho Kay Tat, editor do Edge

*Federal Bureau of Investigation (FBI)*

William “Bill” McMurry, chefe do esquadrão internacional de corrupção  
de Nova York

Robert Heuchling, agente líder do FBI no caso do 1MDB

Justin McNair, agente do FBI e auditor forense do caso

“Roube pouco e o colocarão na cadeia

Roube bastante e farão de você um rei.”

— Bob Dylan, “Sweetheart Like You”, em tradução livre

Às vezes, você se envolve tão fundo nas coisas que o anormal parece normal, e o normal parece uma memória distante.

— Jordan Belfort

## *Prólogo*

Las Vegas, dias 3 e 4 de novembro de 2012

Por volta das 18h de uma noite de novembro quente e sem nuvens, Pras Michél, um ex-membro do trio de hip-hop dos anos 1990, o Fugees, aproximou-se de uma das Chairman Suites do quinto andar do hotel Palazzo. Pras bateu e a porta se abriu, revelando um homem rechonchudo, vestindo um smoking preto, que exibiu um sorriso caloroso. O homem, brilhando levemente por conta da transpiração, era conhecido por seus amigos como Jho Low, e falava com a voz suave comum aos malaios. “Aqui está o meu garoto”, disse Low, abraçando o rapper.

As Chairman Suites, que custavam US\$25 mil por noite, eram os quartos mais luxuosos que o Palazzo tinha para oferecer, com um terraço com vista para a Strip e um moderno interior branco, incluindo uma sala de karaokê com sofás de vários lugares e paredes acolchoadas. Mas o anfitrião não pretendia passar muito tempo no quarto naquela noite; Low tinha uma festa muito mais grandiosa reservada para seu 31º aniversário. Esse era apenas o esquentado para seu círculo de amigos mais próximos, com pessoas de todas as partes do mundo. Bebendo champanhe, os convidados, uma mistura eclética de celebridades e bajuladores, agitavam-se em torno de Low à medida que mais pessoas chegavam. Swizz Beatz, o produtor de hip-hop e marido de Alicia Keys, conversou entusiasmadamente com Low. A certa altura, Leonardo DiCaprio chegou ao lado de Benicio Del Toro para conversar com Low sobre algumas ideias de filmes.

O que os convidados pensavam sobre seu anfitrião? Para muitos ali, Low era simplesmente uma figura misteriosa. Vindo da Malásia, um pequeno país do Sudeste Asiático que muitos ocidentais teriam dificuldade em localizar em um mapa, o rosto redondo de Low ainda era infantil, com óculos, bochechas rosadas

e apenas uma leve penugem facial. Sua aparência comum era acompanhada por um desconforto e embaraço para conversar, o que as mulheres bonitas em torno de Low consideravam ser timidez. Educado e gentil, ele sempre parecia meio ausente, interrompendo com frequência uma conversa para atender a algum de seus vários celulares.

Porém, apesar de sua aparência modesta, os boatos eram de que ele era muito rico — talvez bilionário. Os convidados cochichavam entre eles que, poucos meses antes, a empresa de Low havia adquirido uma participação na EMI Music Publishing, e especulava-se que ele fosse o investidor por trás do último filme de DiCaprio, *O Lobo de Wall Street*, que ainda estava sendo filmado. O jeito tímido de Low contradizia uma ambição sólida, do tipo que o mundo raramente vê. Ao prestar mais atenção, percebia-se que Low não era um tímido do tipo calculista introspectivo, que observa todas as interações humanas avaliando o que ele pode oferecer para alguém e o que essa pessoa, por sua vez, a ele. Apesar da pouca idade, Low tinha uma seriedade estranha, o que permitia que ele se garantisse em um ambiente com banqueiros grisalhos de Wall Street ou com tipos mimados de Hollywood. Durante anos, cultivou metodicamente relações com as pessoas mais ricas e poderosas do planeta. Essa estratégia ousada o levou a fazer parte de seus círculos sociais e a esse momento no Palazzo. Agora, ele era o único que distribuía favores.

A noite no Palazzo marcou o ápice da ascensão de Low. A lista de convidados do seu aniversário incluía estrelas de Hollywood, os principais banqueiros do Goldman Sachs e figuras poderosas do Oriente Médio. No período que sucedeu a crise financeira dos EUA, todos queriam um pouco do que Low poderia oferecer. Pras Michél já não era mais o centro das atenções desde que o Fugees se separou, mas esperava se reinventar como investidor de capital privado, e Low oferecia uma promessa de financiamento. Algumas celebridades haviam recebido cachês de Low de centenas de

milhares de dólares apenas para aparecer em seus eventos, e elas estavam dispostas a agradá-lo.

Swizz Beatz pediu silêncio na suíte do hotel antes de mostrar um caro equipamento de DJ, estampado com imagens de um panda, que era um presente para Low. As pessoas caíram na gargalhada. Era assim que os amigos mais íntimos de Low o chamavam — “Panda” —, uma referência a sua estrutura rechonchuda e seu comportamento fofo. Ele amava Kung Fu Panda, e, nas jogatinas com seus amigos conterrâneos mais próximos, cada um deles fingia ser um personagem do filme. Mas, mesmo aquelas estrelas como Pras e Swizz Beatz, que haviam recebido cachês milionários e outras regalias de Low, não podiam realmente afirmar que conheciam sua história.

Se você inserir “Jho Low” no Google, pouca coisa aparece. Algumas pessoas diziam que ele era um traficante de armas asiático. Outras afirmavam que era próximo do primeiro-ministro da Malásia. Ou que talvez tivesse herdado bilhões de seu avô chinês. Gerentes de cassinos e casas noturnas se referem a seus maiores apostadores como “baleias”, e uma coisa era certa sobre Low: ele era a “baleia” mais extravagante que Vegas, Nova York e St. Tropez já haviam visto — pelo menos recentemente.

Algumas horas depois, logo após as 21h, os convidados de Low começaram a se deslocar para o evento principal da noite. Para evitar os paparazzi, atravessaram as áreas restritas a funcionários, incluindo a cozinha, antes de surgir em um túnel de concreto que levava ao estacionamento do hotel. Uma frota de limousines pretas estava a postos, seus motores roncavam. Esse era um arranjo especial que o Palazzo autorizava somente para seus hóspedes mais rentáveis.

Cada movimento parecia perfeitamente ensaiado, portas se abrindo no momento certo e mulheres jovens e sorridentes apontando o caminho. Quando as limousines subiram a Strip, ficou claro que elas não estavam indo para o deserto, como alguns convidados pensavam; em vez disso, estacionaram no que parecia

ser um hangar enorme, especialmente construído em um terreno baldio. Nem os VIPs faziam ideia. Os carros atravessaram as cabines de segurança antes de pararem em uma entrada com um tapete vermelho, vigiada por seguranças corpulentos de terno preto. Havia muitas modelos de vestido vermelho, algumas distribuía bebidas e comida, enquanto outras — no linguajar grosseiro das casas noturnas — estavam ali apenas para “enfeitar” o ambiente.

Assim foi a recepção para os superVIPs, mas a maioria dos cerca de 300 convidados, alguns segurando convites vermelhos brilhantes com “Everyday Birthday” elegantemente escrito em letras douradas, fez o check-in mais cedo na boate LAVO, no Palazzo ou em uma cabine de segurança. Lá eles assinaram acordos de confidencialidade, obrigando-os ao sigilo, e deixaram seus contatos, antes de entrarem em micro-ônibus que os levariam pela curta distância até o local do evento. Entre eles estava Robin Leach, que, por décadas, como apresentador do programa de TV *Lifestyles of the Rich and Famous*, narrou os gastos de rappers, estrelas de Hollywood e famílias ricas. Mas isso foi nos anos 1980 e 1990, e nada o havia preparado para o descomedimento daquela noite. Como colunista de fofocas do *Las Vegas Sun*, Leach estava entre os poucos convidados que haviam obtido alguns detalhes do que estava por vir. “Fofoca EXCLUSIVA: Britney Spears voando para Vegas amanhã para um show secreto, a festa privada mais cara de todos os tempos”, tuitou ele.

Uma exigência intrigante no convite de Leach era que ele poderia escrever sobre a festa, mas não nomear o anfitrião. Ele fez sua carreira a partir do desejo que as pessoas ricas tinham de se gabar de sua abundância; por que esse cara queria gastar tanto dinheiro em segredo?, perguntou-se. Um veterano da vida noturna, Leach ficou impressionado com a ousadia da estrutura do evento. Enquanto observava o arco do local da festa, que era amplo o suficiente para acomodar uma roda-gigante, um carrossel, um trampolim de circo, um bar para fumar charutos e sofás brancos

luxuosos espalhados por toda parte, ele fez alguns cálculos. De um lado, o tema era circo; de outro, uma boate extremamente chique. Considerando a iluminação e os dispositivos que lançavam fumaça para o alto periodicamente, parecia um grande espetáculo, não um evento particular.

Essa festa deve ter custado milhões, avaliou Leach. Ali estavam o novo casal, Kanye West e Kim Kardashian, aos beijos sob uma tenda; Paris Hilton e o galã River Viiperi cochichando em um bar; os atores Bradley Cooper e Zach Galifianakis, que estavam dando uma pausa nas filmagens de *Se Beber, Não Case! Parte III*, riram ao se deparar com a cena. Era raro conseguir reunir tantos atores e músicos em um evento que não fosse uma grande premiação. “Estamos acostumados com festas extravagantes em Las Vegas, mas essa não tem comparação”, disse Leach. “Eu nunca estive em uma como essa.”

Enquanto os convidados conversavam, artistas a nível do Cirque du Soleil caminhavam entre eles em pernas de pau, enquanto acrobatas de lingerie se balançavam em aros suspensos. Havia várias monster trucks estacionadas e uma trupe de cerca de 20 pessoas, vestidas como Oompa-Loompas, abriam caminho entre os foliões. Em uma área VIP isolada, Low prendia a atenção de DiCaprio e Martin Scorsese, o diretor de *O Lobo de Wall Street*. Enquanto a noite avançava, outros convidados compareceram, incluindo Robert De Niro, Tobey Maguire e o medalhista de ouro olímpico Michael Phelps.

Nem todo convidado naquela noite era uma celebridade. Low teve o cuidado de não se esquecer de seus amigos menos conhecidos e principais contatos comerciais. Entre eles estavam Tim Leissner, um banqueiro alemão que era um importante negociador do Goldman Sachs da Ásia, e Mohamed Al Hussein, o CEO de um dos fundos de investimento mais valiosos de Abu Dhabi. Havia rumores entre os banqueiros de Wall Street sobre os enormes lucros que o Goldman vinha obtendo na Malásia, centenas de milhões de dólares com a organização de títulos para um fundo

de investimento estatal, mas eles não haviam alcançado a resistente Hollywood. A comitiva habitual de Low também estava presente, incluindo “Fat Eric”, a quem o malaio havia conhecido na vida noturna da Malásia, seu primo Howie e seu irmão mais velho, Szen.

As garçonetes distribuíam minigarrafas de champanhe com canudos. Os bartenders, em pé atrás do bar de 24 metros feito de gelo, distribuíam bebidas de alta qualidade e taças de champanhe Cristal. A multidão já estava animada quando Jamie Foxx deu início ao espetáculo com um vídeo projetado em telas gigantescas. Aparentemente, grandes amigos do mundo todo se ofereceram para ajudar a fazer um vídeo surpresa de aniversário para Low, cada um dançando um pouco do então sucesso “Gangnam Style”. Banqueiros da empresa de investimentos de Low em Hong Kong fizeram a performance em uma sala de reuniões. Al Hussein dançou em um jet ski em Abu Dhabi. Na verdade, o vídeo era em parte ideia de Low e, assim como todos os detalhes da noite, da cor das flores às bebidas no bar, havia sido cuidadosamente arquitetado por ele. Apesar de os vídeos não serem nenhuma novidade, Low estava radiante.

Assim que o vídeo terminou, Psy, o cantor sul-coreano que havia alcançado o estrelato naquele ano com “Gangnam Style”, tocou a música ao vivo enquanto a multidão se alvoroçava. Ao longo de uma hora e meia, houve apresentações de Redfoo and the Party Rock Crew, Busta Rhymes, Q-Tip, Pharrell e Swizz Beatz, com Ludacris e Chris Brown, que lançaram a música “Everyday Birthday”. Durante o show de Q-Tip, um DiCaprio bêbado subiu ao palco e cantou rap a seu lado. Então, um enorme bolo cenográfico de casamento foi levado ao palco. Depois de alguns instantes, Britney Spears, vestindo uma minúscula roupa dourada, irrompeu e, acompanhada por dançarinos, cantou “Parabéns a Você” para Low, enquanto um grupo de mulheres distribuía fatias de bolo de chocolate. Cada um dos artistas ganhou um cheque gordo, e Spears



supostamente recebeu uma quantia de seis dígitos por sua breve aparição.

E então chegou a hora dos presentes. Os empresários da vida noturna que ajudaram a organizar a festa, Noah Tepperberg e Jason Strauss, pararam a música e pegaram microfones. Low gastara dezenas de milhões de dólares em suas boates Marquee, TAO e LAVO nos últimos anos, quando a crise financeira irrompia, e os ricos de Wall Street sentiam o aperto. Ele era seu cliente número um, e eles fizeram de tudo para garantir que outros proprietários de boates não atraíssem seu interesse. Assim que Tepperberg e Strauss deram um sinal para a equipe, uma Lamborghini vermelha brilhante foi levada para o meio da marquise. Alguém lhe deu de presente não uma, mas três motocicletas Ducati de última linha. Por fim, um Bugatti Veyron de US\$2,5 milhões embrulhado com um laço foi o presente de Szen Low para seu irmão.

Até os presentes mais baratos eram sofisticados. Joey McFarland, um ex-agente de talentos que Low havia ajudado a se tornar um grande produtor de filmes, presenteou-o com uma caixa de vinhos personalizada com uma imagem do Kung Fu Panda, e as palavras “Vintage 1981” e “Produto da Malásia” gravadas em madeira. Dentro da caixa, havia uma garrafa de vinho Petrus safra de 1981, o ano do nascimento de Low, que custava US\$1 mil. Pouco depois de 00h20, o céu se iluminou com fogos de artifício. A festa continuou pela madrugada, com apresentações de Usher, DJ Chuckie e Kanye West. Cercado por celebridades e amigos, Low se amontoou em uma limousine e levou a festa de volta para o Palazzo, onde ele fez boas apostas sob a luz brilhante da tarde de domingo.

Esse era o mundo criado por Jho Low.

“Enquanto você dormia, um bilionário chinês deu a festa do ano”, foi o início de um artigo no site da estação de rádio KROQ dois dias depois, confundindo a nacionalidade de Low. O texto referia-se a

ele como “Jay Low”. Não foi a primeira vez — nem a última — que o nome de Low caíra na boca dos tabloides ou fora associado a extravagâncias, mas sua festa de aniversário em Vegas foi um momento icônico em sua estranha e agitada vida.

Muitos dos que cruzaram o caminho de Low o consideravam um grande falastrão herdeiro de uma rica família asiática, um príncipezinho mimado vindo da mesma região em crescimento e da mesma economia mostradas no filme *Podres de Ricos*. Poucas pessoas faziam perguntas sobre ele, e aquelas que se davam ao trabalho de fazê-las tinham apenas um breve vislumbre de quem ele realmente era. Mas Low não havia nascido na riqueza, pelo menos não na do tipo que financiaria uma festa repleta de celebridades. Seu dinheiro era proveniente de uma série de eventos que, de tão improváveis, parecem invenção. Até hoje, a dimensão do que ele conseguiu — os golpes mundiais que deu, que lhe permitiram pagar a festa daquela noite e muito, muito mais — é quase impossível de determinar.

Low pode ter vindo da Malásia, mas seu plano tinha todas as características de um esquema global do século XXI. Seus conspiradores faziam parte dos 0,1% mais ricos do mundo, os mais ricos entre os ricos, ou pessoas que almejavam estar entre eles: jovens norte-americanos, europeus e asiáticos que estudavam juntos para o MBA, trabalhavam em finanças e festejavam em Nova York, Las Vegas, Londres, Cannes e Hong Kong. O contexto era a crise financeira global, que fez a economia dos EUA despencar para uma recessão, somada ao magnetismo de um esbanjador asiático bilionário como Low.

Respaldado por um capital líquido talvez mais abundante do que o de qualquer indivíduo na história, Low se infiltrou no âmago do poder norte-americano. Suas origens desconhecidas e o fato de que as pessoas tinham apenas uma vaga ideia sobre a Malásia facilitaram o caminho para ele. Se ele dizia ser um príncipe malaio, então era verdade. O herdeiro de uma fortuna de bilhões de dólares? Claro, parece coerente, mas ninguém parecia se importar.

Nem Leonardo DiCaprio nem Martin Scorsese, a quem foram prometidos dezenas de milhões de dólares para produzir filmes. Nem Paris Hilton, Jamie Foxx nem outras estrelas que foram generosamente pagas para aparecer em seus eventos. Nem Jason Strauss nem Noah Tepperberg, cujo império de casas noturnas estava prosperando. Nem as supermodelos para as quais Low distribuía joias multimilionárias. Nem os banqueiros de Wall Street, que ganharam dezenas de milhões de dólares em bônus. E certamente nem o protetor de Low, o primeiro-ministro da Malásia, Najib Razak.

O esquema de Low envolvia compra de empresas lendárias, amizade com as pessoas mais famosas do mundo, encontros com mulheres extraordinariamente belas e até mesmo visitas à Casa Branca — sobretudo, envolvia uma extraordinária e complexa manipulação das finanças globais.

Na ocasião em que este livro foi escrito, o FBI ainda estava tentando desvendar o que de fato ocorreu. Bilhões de dólares em dinheiro do governo da Malásia, angariados com a ajuda do Goldman Sachs, desapareceram em um labirinto bizantino de contas bancárias, empresas offshore e outras organizações financeiras complexas. Quando os alicerces do esquema começaram a desabar, o primeiro-ministro da Malásia deu as costas à democracia, em uma tentativa de se agarrar ao poder. Procurado para ser interrogado pelo FBI, Low desapareceu sem deixar rastros.

A história de Jho Low simboliza o poder impactante daqueles que aprendem a controlar as alavancas das finanças internacionais no século XXI. Como ele prosperou, e o que isso diz sobre o fracasso do capitalismo global, é o assunto deste livro.

A história começa na Ilha de Penang, um local cercado por palmeiras.

PARTE I

# A INVENÇÃO DE JHO LOW

## **Fotos Falsas**

Penang, Malásia, verão de 1999

Enquanto caminhava pelo Lady Orient, um iate de quase 50m ancorado na marina do governo na Ilha de Penang, Jho Low periodicamente se certificava de que não estava sendo observado. Guardava no bolso fotos de sua família: seu pai, Larry Low, um empresário que ganhara milhões de dólares por meio de seu trabalho em uma fábrica local de roupas; sua mãe, Goh Gaik Ewe, uma orgulhosa dona de casa que amava seus filhos; e seus dois irmãos mais velhos. Ao encontrar as fotos do dono do barco, um bilionário que morava em Penang, ele retirou-as de suas molduras, substituindo pelas da própria família. Posteriormente, fez o mesmo na casa de veraneio da era colonial britânica em Penang Hill, que também havia pegado emprestada do bilionário amigo da família Low.

De Penang Hill, coberta pela floresta tropical, Low avistava George Town, a capital colonial britânica, nomeada em homenagem a George III, um labirinto de mansões brancas e sobrados chineses em ruínas. Mais além, observavam-se os estreitos que separavam a Ilha de Penang da Ásia continental. Situada na foz do Estreito de Malaca, uma importante rota marítima que liga a Europa e o Oriente Médio à China, Penang atraiu sua cota de aventureiros, de oficiais coloniais britânicos a comerciantes chineses e diversos oportunistas. As ruas se enchiam com os cidadãos de Penang, em sua maioria sino-malaios, que gostavam de comer nas barracas de rua ou passear pelas calçadas à beira-mar.

O avô de Low saiu da China e foi parar, passando pela Tailândia, em Penang em 1960, onde a família conseguiu juntar uma pequena fortuna. Para os padrões, eles eram uma família rica, mas Low passou a frequentar o Harrow, um colégio interno de elite na Inglaterra, onde as famílias de alguns de seus colegas tinham fortunas avaliadas em bilhões, e não em meros milhões.

As ações de Larry na empresa de roupas, as quais vendera recentemente, valiam cerca de US\$15 milhões — uma quantia significativa para o povo do Sudeste Asiático, onde muitos viviam com US\$1 mil por mês. Low foi para o colégio interno em 1998 cursar os dois últimos anos do ensino médio e começou a se enturmar com membros das famílias reais de Brunei e Kuwait. A casa de Low, uma moderna mansão cercada por palmeiras na costa norte de Penang, era imponente e tinha o próprio sistema de ar-condicionado central, mas não era um palácio real.

Em poucos dias, alguns de seus novos amigos do colégio o visitariam. Ele os convencera a passar parte de suas férias de verão na Malásia, e não via a hora de impressioná-los. Assim como seu pai elevara a posição de sua família, ganhando dinheiro suficiente para enviar o filho para um dos colégios internos mais caros do mundo, Low também tinha ambições. Ele se sentia um pouco desconfortável com o fim de mundo que era Penang, e usava o barco e a casa de veraneio para compensar. Seus amigos do Harrow não faziam ideia. Por ser rechonchudo e usar óculos, não atraía as mulheres com facilidade, então fazia de tudo para ser respeitado de outras formas. Ele disse para seus amigos do colégio que era um “príncipe da Malásia”, em uma tentativa de se igualar ao círculo social de “sangue azul”.

Na realidade, os chineses do país, como os Low, não eram aristocratas, mas comerciantes que chegaram em grandes fluxos nos séculos XIX e XX. A maioria dos 30 milhões de malaios eram muçulmanos, que geralmente tratavam os chineses como recém-chegados, mesmo que suas famílias habitassem a Malásia há gerações. Alguns chineses mais antigos de Penang se questionavam

sobre esse garoto estranho. Depois da visita dos amigos do colégio, a história das fotos e as afirmações de Low sobre sua linhagem aristocrática começaram a circular pela ilha. As pessoas riram da audácia extrema. Quem esse garoto achava que era?

Na década de 1960, a Ilha de Penang era um lugar caindo aos pedaços. Os britânicos concederam a independência à colônia malaia — um território tropical do Sudeste Asiático abundante em estanho e óleo de palma — em 1957, após uma guerra inconclusiva e arrasadora contra um levante comunista. Os comunistas esperaram pacientemente em seus redutos na selva próxima à fronteira tailandesa, e logo iniciaram a guerrilha de um ano contra as forças despreparadas da recente nação malaia. Meng Tak, avô de Low, conhecia muito bem essa região fronteiriça e sem lei. Ele partira de sua terra natal Cantão, na China, na década de 1940 — época muito turbulenta por conta da Segunda Guerra Mundial, da ocupação japonesa e da guerra civil, que fez com que muitos fugissem do país — e se estabeleceu no sul da Tailândia, próximo à Malásia. Antes de retornar a Penang, na década de 1960, lucrou como investidor minoritário em minérios de ferro, e casou-se com uma nativa de ascendência chinesa.

A família Low morava em um humilde bangalô na capital de Penang, a alguns quarteirões das residências e armazéns colunados, vestígios da era britânica na orla rodeada de palmeiras. Muitos chineses imigraram para Penang na era colonial para comercializar matérias-primas como estanho e ópio, um narcótico cuja venda fora monopolizada pelos britânicos, mas que se tornara ilegal. Havia boatos sombrios em George Town sobre a origem do dinheiro de Meng Tak. Moradores mais antigos recordavam que ele tinha uma loja de utensílios de cozinha. Talvez a história da mineração fosse parte da verdade. Outros espalhavam o boato de que ele ganhara dinheiro contrabandeando ópio na fronteira.

Para cada versão da história da família Low, havia um relato diferente. Décadas depois, Low contava a própria história sobre

Meng Tak, uma invenção para explicar sua enorme riqueza, a qual, dizia para quem quisesse ouvir, era fruto dos investimentos do avô em mineração, comércio de bebidas e propriedades. Havia apenas um problema: quase ninguém na Malásia — nem mesmo os principais banqueiros e empresários — tinha ouvido falar dessa família extraordinariamente rica. Com o pai de Low, Larry, a história da família se torna mais conhecida.

Nascido na Tailândia em 1952, Larry Low se mudou ainda criança para Penang, estudou na Escola de Economia de Londres e na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, onde fez MBA. Ao retornar à Malásia, assumiu os negócios de Meng Tak. Apesar da formação conceituada, na década de 1980, fez um investimento desastroso em plantações de cacau que quase levou a família à falência. Após os preços das commodities caírem, ele usou o dinheiro que sobrou para adquirir uma participação minoritária na MWE, uma empresa de roupas que exportava para os EUA e a Europa. Foi aí que Larry tirou a sorte grande.

A década de 1990 foi um “vale-tudo” para o emergente mercado de ações malaio. As economias dos “Tigres Asiáticos”, como Coreia do Sul e Tailândia, desenvolveram-se com rapidez a partir de 1960, e agora era a vez de outros países asiáticos. A economia da Malásia crescia mais de 5% ao ano, incentivada pela exportação de óleo de palma, vestuário, chips de computador e aparelhos eletrônicos. Atraídos pelo intenso crescimento, investidores estrangeiros injetaram muito dinheiro em ações e títulos malaios. Mas não havia fiscalização. Os investidores com informações privilegiadas burlaram a legislação de valores mobiliários, seguindo o exemplo dos abusos de personalidades dos anos 1980, como Michael Milken, o rei norte-americano dos títulos de alto risco, e o insider trader Ivan Boesky. Os malaios que sabiam como manipular o sistema enriqueceram bastante, enquanto os acionistas minoritários se viam em desvantagem.

Quem trabalhava com Larry o considerava um negociador astuto e encantador, embora fosse um pouco preguiçoso, preferindo



beber até tarde em boates do que trabalhar; ainda assim, usufruía da subida das ações da MWE. No início da década de 1990, a aquisição de uma empresa de tecnologia pela MWE resultou em uma supervalorização, e Larry deu um jeito de colocar parte do excedente de liquidez em sua conta no exterior.

Na época, usar esse tipo de conta, que normalmente pertencia a empresas de fachada sediadas em lugares como as Ilhas Virgens Britânicas, era prática comum das empresas malaias. Os filhos aprenderam com o pai sobre esse mundo secreto das finanças, e May-Lin, irmã de Low, tornou-se uma advogada especializada em veículos de investimento estrangeiros.

Quando o sócio da MWE descobriu o desvio de dinheiro, ficou furioso e, logo depois, Larry vendeu sua participação. Mas havia um lado bom: o aumento do preço das ações da MWE nos anos 1990 fez com que a família Low ficasse milionária.

Com dinheiro de sobra, Larry, agora na casa dos 40 anos, cedeu ao desejo de festejar. Para uma festa em um iate, providenciou a vinda de modelos suecas a Penang, o tipo de coisa que seu filho ficaria famoso por fazer. A família era poderosa para a pequena cidade — e agia como tal. Larry dirigia um Lexus e era membro do Penang Club, um exclusivo clube esportivo fundado pelos britânicos em 1868, cujos associados incluíam famílias empreendedoras famosas e políticos da ilha. O Low mais novo nadava muito bem e costumava dar braçadas na piscina perto do mar antes de jantar comida chinesa com a família.

Porém, Larry via a situação como algo provinciano e tinha ambições de elevar a posição social da família. Então, em 1994, transferiu Low, que estava com 13 anos, da escola local para a Uplands, escola internacional que preparava os filhos dos ricos de Penang para o colégio interno na Grã-Bretanha. Muitos dos malaios da elite foram educados na antiga potência colonial, e o Reino Unido ainda era o local de escolha para estudar fora.

Larry Low escolheu criar raízes na Inglaterra. Nessa época, o empreendimento de um novo condomínio fechado no sofisticado

bairro de South Kensington foi divulgado na Malásia. Alguns dos políticos malaios mais poderosos tinham casas no complexo residencial Kensington Green, e Larry pressentiu que se aproximar deles seria vantajoso para sua família ambiciosa, então comprou um apartamento, no qual sua família passava férias, o que lhe deu a oportunidade de conhecer a prole da elite malaia. A sagacidade de Larry em relação ao prestígio social pareceu contagiar seus filhos, que começaram a forjar amizade com Riza Aziz, um universitário cuja família também tinha imóvel em Kensington Green. O padrasto de Riza era o ministro da defesa Najib Razak, cotado para futuro primeiro-ministro. Riza era alguns anos mais velho e seria essencial para que Low entrasse nos altos escalões da estrutura de poder da Malásia.

De volta a Penang, Larry mandou construir uma linda mansão bege na colina nos arredores de George Town que poderia muito bem estar nas ruas de Miami, por conta de sua elegante estrutura de aço e vidro. A construção moderna era uma evolução em relação à casa um tanto humilde de Meng Tak.

Enquanto Larry aproveitava a vida da alta sociedade, o adolescente Jho Low se ocupava explorando o emergente mundo online. Low passava horas no computador, escondendo-se no anonimato da web. Ele começou a inventar mentiras, oferecendo-se em uma sala de bate-papo para ser modelo “em qualquer lugar do mundo”. No fórum de discussão, Low se descrevia como “musculoso, um corpo bem distribuído”, mas não recebia ofertas de trabalho. Uma foto de turma de 1994 mostra Low como um franzino estudante de ensino fundamental, com uma camisa branca de mangas curtas e short azul, um corte de cabelo impecável, mas sem estilo. Sua atividade online sugeria um desejo de ser descolado. No bate-papo, pedia recomendações de músicas techno hardcore ou perguntava quais cortes de cabelo estavam na moda em diferentes países.

Embora tenha passado férias na Inglaterra, Low se identificava mais com a cultura norte-americana, o que era típico dos jovens

malaios. Um de seus programas favoritos era Arquivo X, e ele trocava fotos de Mulder e Scully com outros fãs na internet. Desde a venda da MWE, Low começou a pesquisar e a se interessar por investimentos imobiliários e mercado de ações. Assistia a filmes hollywoodianos como Wall Street — Poder e Cobiça sem parar, com sua trama sobre insider trading e golpes corporativos. Na Uplands, fazia “vaquinha” com os colegas para investir no mercado de ações, mesmo com apenas 15 anos. Muitos adultos se lembram de Low como tranquilo e respeitoso, mas hábil em usar esse encanto para conseguir o que queria. Às vezes, ele pegava dinheiro emprestado dos amigos de Larry, muitos deles ricos empresários, e depois não devolvia.

Larry arquitetava a etapa seguinte da ascensão familiar. Tinha um apartamento em Londres e a elegante mansão em Penang. O irmão mais velho de Low, Szen, estudara na conceituada Sevenoaks, na Inglaterra. Agora, o pai estava prestes a mandar o filho mais novo para um dos principais colégios internos do mundo, o que inseriu Low no seletivo grupo dos mais ricos do mundo.

Por décadas, o colégio Harrow, localizado em uma bucólica colina a noroeste de Londres, formara primeiros-ministros britânicos como Sir Winston Churchill, mas no final da década de 1990 atraía os novos ricos da Ásia e do Oriente Médio. Para os malaios endinheirados, o Harrow da época tinha fama de ser mais fácil de entrar do que o Eton, outro dos melhores colégios internos da Grã-Bretanha, mas ainda era um meio rápido e eficaz de conseguir uma vaga em Oxford ou Cambridge e fazer contatos. Para gastar menos, os malaios normalmente optavam pelos dois últimos anos do ensino médio — para se preparar para o vestibular — e foi o que Larry decidiu para o filho.

Em 1998, Jho Low, com 16 anos, chegou no Harrow, onde algumas das instalações datam de 1600. Em Penang, o uniforme da Uplands era uma camisa de mangas curtas e calça social. No

Harrow, os estudantes tinham que vestir blazer, gravata e, para complementar, um chapéu palheta bege. A escola custava mais de US\$20 mil por ano, mas, para os Low, era um investimento válido.

No Harrow, Low prosperou como membro da Newlands, uma das 12 casas do colégio com 70 ou mais estudantes. Os alunos da Newlands, que incluíam membros da família Rothschild, a dinastia bancária anglo-francesa, habitavam um prédio individual de tijolo à vista de quatro andares que datava de 1800, parecido com a mansão de um empresário abastado da era vitoriana. Low se enturmou facilmente com novos amigos de famílias reais do Oriente Médio e da Ásia, e, embora fosse relativamente rico, ficou impressionado com o quanto eram ricos. Incluindo o filho do sultão de Brunei, um pequeno país rico em petróleo e vizinho da Malásia, que era buscado por motoristas em carros Rolls-Royce ao final do semestre.

Inserido nesse novo círculo social da elite, Low começou a manifestar um lado mais destemido de sua personalidade. Ele se esgueirava pelos corredores da biblioteca com estudantes que tinham uma minirroleta e apostavam pequenas quantias de dinheiro. Certa vez, conseguiu o papel timbrado da Embaixada de Brunei e forjou uma carta para a Chinawhite, a famosa boate perto da Piccadilly Circus, que, nos anos 1990, era um dos lugares mais badalados da cidade. Na carta, supostamente enviada pela equipe da embaixada, Low solicitava reservas para os membros da família real de Brunei. A estratégia deu certo, e os menores de idade foram festejar com modelos e jogadores de futebol da principal competição da Inglaterra, a Premier League.

Foi uma lição de que poder e prestígio — ou pelo menos aparentá-los — abrem oportunidades. Entre seus amigos, Low ganhou a reputação de alguém capaz de fazer acontecer. Fazia as reservas e recolhia o dinheiro no momento de pagar a conta, dando a impressão de que era ele quem estava bancando. Ele se tornou o intermediário, ficando próximo daqueles que realmente tinham poder, e isso fez dele o centro das atenções.

No apartamento de Kensington Green, Low passava grande parte das férias com Riza Aziz. Ele sabia que os políticos malaios, como o padrasto de Riza, que não recebiam altos salários, não podiam se dar ao luxo de morar em casas de milhões de libras no bairro mais sofisticado de Londres. Todos sabiam que o partido malaio no poder, o UMNO [Organização Nacional dos Malaios Unidos, sigla em inglês], exigia propina das empresas para fazer concessões, de licenças para jogos de azar a contratos de infraestrutura. Muitas dessas empresas eram comandadas por sino-malaios, como os Low. A situação despertou nele um relativismo moral. Se todos estavam se beneficiando, qual era o problema?

Depois do Harrow, Low optou por fazer faculdade nos EUA em vez das tradicionais Oxford e Cambridge, escolha influenciada por suas ambições profissionais. Lá, em um dos campus de uma das faculdades da Ivy League, ele entraria no estágio seguinte de sua metamorfose.

## O Grande Gatsby Asiático

Filadélfia, novembro de 2001

Low analisava o ambiente da boate que tinha alugado para seu 20º aniversário — Shampoo, uma das mais populares da Filadélfia. Ele concordara em pagar cerca de US\$40 mil por uma festa a portas fechadas com bebidas e comidas incluídas, o que dava um ar de exclusividade. Em seu segundo ano, Low passara semanas percorrendo a lista de estudantes da Universidade da Pensilvânia. Ele telefonara para as presidentes das fraternidades para garantir que a boate estivesse cheia de mulheres requisitadas. Não era uma noite universitária comum de beer pong, e todo mundo apareceu, desde os atletas e artistas aos estudantes estrangeiros. O bar estava abastecido com champanhe suficiente para que nenhum copo ficasse vazio.

Embriagado e dançando timidamente com as batidas da música, sob um gigantesco globo espelhado, Low ficava de conversa fiada com as mulheres, perguntando se estavam gostando da festa. Ele parecia extremamente ansioso para agradar. Em certo momento da noite, uma modelo que vestia só um biquíni feito de folhas de alface atravessou a pista de dança e deitou sobre o balcão do bar. A equipe de garçons cobriu seu corpo seminudo com sushis, para os convidados comerem com hashi. Low apreciava o espetáculo, sorrindo enquanto a multidão gargalhava alto.

Entre si, os festeiros daquela noite se referiam a Low como o “Grande Gatsby Asiático”, uma referência a como o anfitrião parecia observar as próprias festas, em vez de participar delas. Assim como Jay Gatsby, as origens de Low eram misteriosas. Os convidados sentiam necessidade de conversar com seu benfeitor,

mas o papo era formal e não fluía. Ele era simpático o suficiente, mas realmente não tinha nada de interessante a dizer, preferindo garantir com insistência a satisfação dos convidados. Você gosta desse champanhe? Como está o sushi? Ele não dava em cima das mulheres como os outros estudantes faziam em suas festas. Na verdade, ele não estava sequer flertando.

Pela reputação em formar importantes financiadores, Low escolheu a Wharton School, a escola superior com foco em administração da Universidade da Pensilvânia, cujos ex-alunos incluíam Warren Buffett e Donald Trump. Por US\$25 mil por ano, os discentes do departamento de economia, no qual Low estudava, aprendiam a mecânica do capitalismo. Muitos de seus colegas, estudantes ricos de todas as partes do mundo, idealizavam uma carreira em Wall Street. Em vez de macroeconomia, Low optou por se formar em economia, mas não tinha planos de seguir uma carreira comum no setor bancário. O malaio se esforçou em seu primeiro ano — ele aprendia rápido e tinha uma memória extraordinária —, mas começou a enxergar a Wharton principalmente como um lugar de socialização e fonte de contatos.

Aquela noite na Shampoo — assim como todas as outras que ele organizaria ao longo dos 15 anos seguintes em boates e cassinos pelo mundo — era pura encenação, arquitetada por Low para impressionar. Com certeza, ele gostava de festejar e de ter lindas mulheres por perto, mas, acima de tudo, isso era um investimento que fazia com que ele parecesse bem-sucedido e insubstituível. Era por isso que, antes da noite na Shampoo, ele fizera uma exigência ostentosa: os panfletos da festa deveriam conter JHO LOW, em letras grandes, ao lado dos nomes das fraternidades. Low distribuiu dois tipos de convite, padrão e VIP, que prometia um “open bar de alta qualidade” como cortesia e informava quais ônibus faziam o trajeto do campus para a boate. Ele percebeu que as pessoas desejam se sentir importantes, parte de um seleto grupo, e usou isso a seu favor. “Traje elegante obrigatório. Não será permitido calça jeans nem tênis”, dizia o convite.

Sem dúvida, Low era rico, com uma fortuna familiar de milhões. Enquanto estudava na Wharton, era normal que Larry Low lhe enviasse dezenas de milhares de dólares para custear as viagens de jogatina em Atlantic City e pagar as festas. O dinheiro era presente de um pai rico e atencioso, que garantia que Low construísse sua reputação entre os filhos das famílias influentes que estudavam em Wharton. Porém, mesmo com o apoio do pai, Low gastou mais do que podia com a noite na Shampoo. O que seus convidados não sabiam era que ele havia adiantado apenas uma parte dos custos da festa e que, depois, parou de pagar o que faltava para os donos da boate, pechinchando por meses antes de finalmente quitar o débito com um considerável desconto.

Low passou a convidar os membros das fraternidades e seus amigos da Ásia e do Oriente Médio para a jogatina, alugando limousines para a viagem até Atlantic City. O grupo jogava com frequência no Trump Plaza Hotel and Casino, apostando centenas de dólares por mão. Low até convidou Ivanka Trump, na época estudante da Wharton. Ele disse a seus amigos que ela recusara o convite sob o pretexto de que jamais pisaria em um dos cassinos “repugnantes” do pai. O grupo retornou a Atlantic City diversas vezes, e Low, a certa altura, tinha juntado cerca de US\$200 mil, mas perdeu tudo em uma noite eletrizante de jogatina em 2002. Os que estavam com ele ficaram chocados com sua atitude arrogante ao apostar o equivalente a um ano de mensalidade. Esse cara, pensaram, deve ter dinheiro para rasgar.

O malaio tinha a própria maneira de construir sua marca. Ele escrevia artigos sobre o mercado de ações para o Wharton Journal, o jornal universitário da escola de administração. Um dos artigos de Low, na edição de 6 de novembro de 2000, alegava que a Enron não mais era uma empresa conservadora de gasoduto, mas uma empresa financeira rentável que estabelecera novos mercados de commodities. O artigo foi publicado somente um ano antes de a Enron entrar em colapso com um escândalo fiscal, que colocou seus principais executivos na cadeia. Entretanto, esse não era o



único motivo do equívoco de Low; muitos banqueiros caíram nas mentiras da Enron. Low havia plagiado vários trechos de seu artigo, literalmente, de um relatório do Salomon Smith Barney. Ele escreveu muitos outros, copiando grande parte deles de relatórios de analistas de Wall Street. De alguma forma, os editores do jornal deixaram isso passar, e Low começou a adquirir uma reputação de analista de investimento, apesar de ser só um calouro sem nenhuma experiência em análise financeira.

Ele começou a adotar uma postura de prodígio rico. Pelo campus, dirigia um Lexus SC-430 conversível vinho alugado, que dizia que era dele. Propositalmente, não desmentiu os boatos de que era um “príncipe da Malásia”, uma afirmação que fazia os outros estudantes malaios caírem na risada. Low interpretava um papel — e não era somente para superar alguma insegurança do passado provinciano, mas para se inserir no círculo social apropriado. Ele identificou os alunos mais ricos e tentou se aproximar deles. Conheceu Hamad Al Wazzan, filho de um magnata kuwaitiano da construção e da energia, e ficou amigo de estudantes das ricas monarquias do Golfo.

Paralelamente a essa aspiração social, existia outro Low, cujos amigos eram de origem mais humilde, e com os quais ele passava o tempo no dormitório, comendo baldes de frango frito do KFC e assistindo a filmes pirateados da Malásia. O grupo incluía Seet Li Lin, um singapurano muito inteligente que tinha bolsa de estudos do governo na Wharton. Com Seet e seu grupo, Low era autêntico. Eles assistiam a lutas de boxe na TV a cabo, Low confortavelmente em um largo agasalho; e passavam noites ocasionais em um clube de striptease da Filadélfia, chamado Delilah's, ou em um dos bares dos atletas no campus. A certa altura, Low namorou uma dançarina exótica do clube de strip, a quem enchia de presentes. Ele tinha fantasias com loiras famosas, como Paris Hilton e Britney Spears, e assistiu ao filme de estreia de Hilton, A Casa de Cera, umas seis vezes, o que irritava os colegas de quarto.